

# O poder das palavras de bispos e pregadores nas terras de Castela entre os séculos XIV e XV

LEANDRO ALVES TEODORO\*



Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Brasil;  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
 <https://orcid.org/0000-0002-5580-8838>  
lleandroateodoro@gmail.com

**Resumo:** A partir de meados do século XIV e início do XV, aumenta consideravelmente a produção de obras em língua vernácula que ensinavam o clero da Coroa de Castela a utilizar a palavra como meio de ensino e emenda. Com a finalidade de mapear as confluências entre sínodos e pregações públicas, este estudo visa perscrutar a importância das palavras de pregadores e prelados diocesanos como veículo reformador. No campo das inter-relações entre esses discursos, a presente proposta também descreverá a atenção conferida por esses homens da Igreja ao papel dos adjetivos, como “feio” e “deseonesto”, para evidenciar ações a serem evitadas. Explorando constituições e sermões elaborados entre o final do século XIV e início do XV, trata-se de interrogar em que medida esses dois gêneros singularizavam uma modalidade de discurso direto que se acreditava inspirado pela graça divina e capaz de corrigir um dado auditório.

**Palavras-chave:** Bispos, Pregadores, Admoestação pública, Castela.

## The power of bishops and preachers words in the lands of Castile between the fourteenth and fifteenth centuries

**Abstract:** From the middle of the 14th century and the beginning of the 15th, the production of vernacular works that taught the clergy of the Crown of Castile to use their speech as a means of teaching and amendment increased considerably. With interest in the confluences between synods and public preaching, this study aims to examine the importance of the words of preachers and diocesan prelates as a reforming vehicle. In the field of interrelationships between these speeches, the present proposal will also describe the attention given by these churchmen to the role of adjectives, such as “ugly” and “dishonest”, to highlight actions to be avoided. Exploring constitutions and sermons elaborated between the end of the 14th century and the beginning of the 15th, it is a question of the extent to which these two genres singularized a modality of direct discourse believed to be inspired by divine grace and capable to correct a given audience.

**Keywords:** Bishops, Preachers, Public admonition, Castile.

\* Este estudo é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) na modalidade auxílio Jovem Pesquisador (Processo 2017/11111-9). A presente pesquisa também é financiada pelo convênio FAPESP e SNSF (Swiss National Science Foundation) – (Processo 2021/02936-0).

Entre os séculos XIV e XV, o clero castelhano-leonês começou a ser admoestado de maneira mais regular e intensa por bispos e grandes autoridades da Igreja que utilizavam a fala como meio para corrigir, punir e educar os leigos<sup>1</sup>. Nesse período em que se expande a escrita de obras de cunho pastoral por toda a Península Ibérica, a emenda da palavra dos clérigos torna-se um dos principais alvos dos planos edificantes da Igreja, já que a reforma eclesiástica em curso na época incidia sobre diferentes campos em que atuavam, estimulando-os a pregar a palavra de Deus, a celebrar os sacramentos e a ouvir a confissão de homens e mulheres<sup>2</sup>. É nesse momento de reforma da estrutura eclesiástica e de ampliação do poder pastoral atribuído aos prelados diocesanos que os curas de almas e pregadores mendicantes alcançam um novo protagonismo na sociedade cristã das terras ibéricas, ao verem as suas vozes se tornarem um instrumento de ensino e um intermediário entre o plano divino e o terreno<sup>3</sup>. Nesse período, os párocos são imbuídos, de maneira cada vez mais constante pela cúpula das dioceses, da tarefa de pregar aos leigos, tendo também de escutá-los e prescrever a penitência adequada para cada pecado confesso<sup>4</sup>.

Na Coroa de Castela, assistia-se, como já ocorria em outros territórios católicos, à construção de um poder pastoral estruturado em torno da fala de um clérigo, isto é, da revelação verbal oferecida aos fiéis durante a missa, as pregações e no momento da confissão auricular<sup>5</sup>. Em um contexto de defesa das bases litúrgicas da ortodoxia romana, especialmente depois da fixação da forma e da matéria de cada um dos sete sacramentos, sumas de casos de consciência e outros tipos de tratados pastorais começam a exigir de clérigos quer o domínio de um conjunto de palavras pronunciadas durante a celebração dos sacramentos, quer o de um discurso que

- 
- 1 SÁNCHEZ HERRERO, José – La enseñanza de la doctrina cristiana en algunas diócesis de León y Castilla durante los siglos XIV y XV. In *Archivos Leoneses: revista de estudios y documentación de los Reinos Hispano-Occidentales (Ejemplar dedicado a: Homenaje postumo a D. Luis Almarcha Hernández)*. León: Archivo Histórico Diocesano de León, 1976, p. 145-184.
  - 2 FERNÁNDEZ CONDE, Francisco Javier – *La religiosidad medieval en España. Baja Edad Media (siglos XIV-XV)*. Asturias: Trea, 2011, p. 305-348.
  - 3 A reforma na Península Ibérica começa a se desdobrar, como veremos adiante, especialmente a partir da primeira metade do século XIV. Sobre este assunto, conferir: SOTO RÁBANOS, José María – Disposiciones sobre la cultura del clero parroquial en la literatura destinada a la cura de almas (siglos XIII-XV). *Anuario de estudios medievales*. 23 (1993); SOTO RÁBANOS, José María – Visión y tratamiento del pecado en los manuales de confesión de la baja edad media hispana. *Hispania Sacra*. 58 (2006) 118.
  - 4 LONGÈRE, Jean – *La prédication médiévale*. Paris: Études Augustiniennes, 1983, p. 83-95; RUSCONI, Roberto – De la prédication à la confession: transmission et contrôle de modèles de comportement au XIIIe siècle. In *Faire croire: modalités de la diffusion et de la réception des messages religieux du XIIe au XVe siècle. Actes de table ronde de Rome (22-23 juin 1979)*. Roma: École française de Rome, 1981, p. 67-85.
  - 5 A respeito dos usos moralizantes do discurso direto na Idade Média, conferir: ROSIER-CATACH, Irène – Le pouvoir des mots au Moyen Âge: diversité des pratiques et des analyses. In BÉRIOU, Nicole; BOUDET, Jean-Patrice; ROSIER-CATACH, Irène – *Le pouvoir des mots au Moyen Âge*. Turnhout: Brepols Publishers, 2014, p. 15; HENRIET, Patrick – Quelques voies de la parole sacrée. In FOURNIÉ, Michelle Fournié; LE BLÉVEC, Daniel, eds. – *La parole sacrée: formes, fonctions, sens (XIe-XVe siècle)*. Toulouse: Privat, 2013, p.15; BÉRIOU, Nicole – *Religion et communication: un autre regard sur la prédication au Moyen Âge*. Genebra: Librairie Droz, 2018, p. 49.

cativasse o penitente por meio de exortações, exemplos e recomendações pontuais acerca dos males decorrentes dos pecados e do poder salutar das virtudes. A palavra – assim como os gestos, as atitudes e os movimentos de um padre enquanto celebrava a missa ou admoestava o povo – era vista, no universo de valores cristãos, como um dos meios pelos quais a liturgia cristã era celebrada e vivenciada<sup>6</sup>. Ao lado dos tratados pastorais, os concílios foram outro recurso para disseminar a proposta reformadora da Igreja dos tempos que se seguiram à elaboração do *Decreto* do jurista bolonhês Graciano, já que possibilitavam estreitar os laços entre bispos e clérigos e difundir, por diferentes paróquias, regras concernentes ao ofício litúrgico<sup>7</sup>.

Enquanto os sínodos eram assembleias em que os prelados diocesanos efetivavam um plano pastoral e de gestão da diocese, os sermões também tinham de se configurar como discursos repletos de orientações acerca das crenças e costumes cristãos, porém, poderiam voltar-se para públicos mais variados, como os próprios leigos. Se os bispos admoestavam os clérigos para serem modelos para outros membros do clero e atuarem na formação dos fiéis, os pregadores, por sua vez, tinham um contato mais próximo com homens e mulheres. Trata-se de dois discursos diretos, articulados com o propósito da admoestação de um auditório, que ajudavam, cada um a seu modo, no estabelecimento da formação de base tanto de clérigos e religiosos quanto de leigos. Os próprios bispos dissertavam sobre a necessidade de eles próprios celebrarem sínodos, bem como de clérigos ou religiosos proferirem sermões. Em um livro sinodal promulgado em 1410, o bispo de Salamanca, D. Gonzalo de Alba (1408-1412), discorre a respeito dos dois tipos de prédicas que serão o alvo deste estudo. Primeiro, ele segue a orientação de Roma e lembra a obrigatoriedade de sínodos serem celebrados anualmente em sua diocese<sup>8</sup>. Em outra altura do livro, apregoa sobre a importância de os pregadores conhecerem os pecados mais comuns praticadas na região, a fim de tratarem deles em seus sermões<sup>9</sup>.

Nesse período, sobretudo após a missão realizada pelo célebre dominicano Vicente Ferrer na Coroa de Castela<sup>10</sup>, aumenta o número de sermões registrados em

6 FERNÁNDEZ CONDE, Francisco Javier – *La religiosidad medieval en España. Baja Edad Media (siglos XIV-XV)*. Asturias: Trea, 2011, p. 295-300.

7 ARRANZ GUZMÁN, Ana – La buena fama del clero y el peligro de escándalo público: un tema de preocupación episcopal. In PITA, Isabel Beceiro – *Poder, piedad y devoción: Castilla y su entorno (siglos XII-XV)*. Madrid: Sílex, 2014, p. 114.

8 «Primeiramente, queriendo e deseando el bien comun de todas las iglesias e rectores e subditos del dicho nuestro obispado, ordenamos que se tenga cada anno un signodo dentro en el dicho nuestro obispado [...]». Livro sinodal de 1410, cap. 1. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, dir. – *Synodicon hispanum. Vol. IV: Ciudad Rodrigo, Salamanca y Zamora*. Madrid: BAC, 1987, p. 178.

9 «Otro si, si aconteciere que venga algund pedricador en alguna parrochia, requieralo el cura e enformelo de los pecados que mas regnan en su parrochia, por que el mejor pueda contra ellos pedricar». Livro sinodal de 1410, cap. 57. In GARCÍA Y GARCÍA (dir.) – *Synodicon hispanum*, IV, p. 243.

10 Esse religioso foi um teólogo e pregador que ajudou a promover a fé católica em Castela, entre 1411 e 1412, em uma missão nessas terras.

vernáculo nessa plaga para ensinar pregadores a compor seus próprios discursos<sup>11</sup>. A singularidade das prédicas desse dominicano, assim como dos sínodos celebradas nos séculos XIV e XV, consiste em fixar critérios de ação para a totalidade dos fiéis de Castela, de modo a oferecer recomendações e penitências válidas para todo tipo de fiel. Além do caráter universal das lições, os sermões desse período fizeram uso de estruturas retóricas adaptadas às demandas dos moradores tanto das cidades, grandes polos em que os dominicanos atuavam, quanto dos campos. As obras aqui analisadas foram preparadas com o objetivo de ecoar a palavra fora das igrejas, pela boca de padres, bispos e pregadores. Os sermões desse mendicante buscaram homogeneizar os variados tipos de fiéis, de modo a inseri-los num único grupo: o dos arrependidos, contritos, em detrimento da origem social ou ocupação, associando os mouros, judeus, praticantes de magias e outros segmentos ao Anticristo<sup>12</sup>. Em linhas gerais, são documentos que ajudaram a abrir caminhos para uma vivência espiritual pautada por uma disciplina mais rigorosa e lições específicas a respeito da devoção dos leigos. No caso dos sermões, é notório o esforço de tornar os leigos figuras ativas no seio da Igreja militante, fazendo-os protagonistas da marcha pastoral, aptos a identificar e a evitar os clérigos concubinários, bem como a classificar os seus próprios pecados<sup>13</sup>. Um dos resultados esperados com o aumento de admoestações públicas em igrejas ou praças, que tomavam os sínodos e as *reportationes* de pregações, era convencer o leigo de que era parte de um corpo místico e, por isso, deveria cooperar para preservá-lo vivo.

Com o objetivo de explorar o papel moralizante do discurso direto de autoridades da Igreja hispânica, o presente trabalho penetrará no jogo de trocas e semelhanças entre recolhas de sermões e constituições apregoadas por bispos em sínodos. Em um segundo momento, esses câmbios serão explorados a partir de um dos terrenos desse vasto universo de correspondências: o da naturalização de adjetivos que ajudavam a desqualificar práticas avessas às recomendações de pregadores e bispos. Em outras palavras, ao serializar constituições e sermões contemporâneos a Vicente Ferrer ou produzidos poucas décadas depois de sua morte, um dos objetivos deste estudo será analisar como o discurso de bispos e pregadores foi peça-chave para o enraizamento de um conjunto de adjetivos que se tornaram recorrentes nessas prédicas, a saber: “honesto”, “desonesto” e “feio”. O exame desses adjetivos justificava-se por serem centrais nas prédicas aqui perscrutadas e também por ajudarem a denunciar pecados e fixar lições, já que possuíam uma notável carga edificante e eram estratégicos para facilitar a conversão e a admoestação.

11 CÁTEDRA GARCÍA, Pedro M. – *Sermón, sociedad y literatura en la Edad Media. San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1994, p. 266-268.

12 CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 277.

13 CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 232.

## A palavra na mira de bispos e pregadores

Ao longo do século XIV, os sínodos começaram a ser celebrados de maneira mais regular e ganharam um peso importante na formação de critérios para a ação catequética dos clérigos e religiosos de cada bispado da Península Ibérica<sup>14</sup>. Um desses prelados reformadores foi o bispo de Oviedo, D. Gutierre Gómez de Toledo (1377-1389), que justificou a celebração de seu primeiro sínodo afirmando que:

«Como débito de nosso ofício, sejamos teídos de haver cuidado e pensamento cada dia acerca do acrescentamento da honra de Deus e reforma dos bons costumes e correção dos pecados de nossos súditos, em seus proveitos espirituais e temporais e na bem andança dos quais tomamos grande prazer, enquanto nos é outorgado por Deus, por isso, nós, neste santo sínodo que agora celebramos na nossa igreja catedral de Oviedo [...] para reforma dos bons costumes e dos nossos súditos e revelação da liberdade da Igreja, fizemos estas constituições que se seguem [...]»<sup>15</sup>.

São essas as palavras da abertura das constituições do sínodo 1377, em que o bispo lança mão de um vocabulário-chave das prédicas sinodais do período. Expressões e vocábulos como débitos de nosso ofício «(debd de nuestro ofício), “correção” (correçion), “reforma” (reformaçion)», «santo sínodo» (santa signado), e ainda o verbo «celebrar» (célebramos) revelam dois aspectos desse tipo de discurso: de um lado, o objetivo reformador do sínodo, por estimular o clérigo à prática de bons costumes; de outro, a atmosfera sacralizada que envolve toda a fala dessa autoridade. O uso do verbo “celebrar” somado ao da expressão “santo sínodo”, palavras correntes nas constituições, indica que tal espécie de assembleia era vista como uma mensageira de lições divinas ou mesmo uma tradutora de ensinamentos de Cristo para clérigos tidos como simples ou rebeldes. O aparecimento de prédicas como essas em que a palavra “correção” possui um papel central explica-se pela importância dada às constituições de sínodos para a reforma do clero diocesano nos séculos XIV e XV, servindo, assim como tratados de confessores, como material de apoio para a admoestação dos leigos. São documentos que permitem entrever, desse modo, instrumentos retóricos que deveriam auxiliar clérigos não apenas a se autocorrigem, mas também a aconselhar fiéis.

14 FERNÁNDEZ CONDE, Francisco Javier – *Gutierre de Toledo, obispo de Oviedo (1377-1389): reforma eclesiástica en las Asturias bajomedieval*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1978, p. 143.

15 «*Commo, debdo de nuestro ofício, seamos tenido de aver coyddado et pensamiento de cada día çerca el acrescentamiento de la onra de Dios et reformaçion de las buenas constunbres et correçion de los pecados de los nuestros subditos et en los sus provechos spirituales et temporales, en la bien andança de los quales tomamos gran plazer, en quanto nos es otorgado de Dios, por ende, nos, en esta santa signado que agora celebramos en ma nuestra iglesia cathedral de Oviedo, diez et nueve duas del mes de Dezienbre en el anno de la encarnacion de nuestro Sennor Jesuchristo de mill et trezientos et setenta et siete annos, para reformaçion de las buenas constunbres e de los nuestros subditos et revelamiento de la libertad de la Iglesia feziemos estas constituciones que se siguen, aprovandolas la santa signado, las quales mandamos que sean guardadas conplidamiente, et mandamoslas leer et poblicar en el dicho signado*». Sínodo de Gutierre Gómez de Toledo, 19 Dic. de 1377, proemio. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, dir. – *Synodicon hispanum*. Vol. III: *Astorga, Leon y Oviedo*. Madrid: BAC, 1984, p. 395-396.

Embora o sínodo não fosse um dos sacramentos da Igreja, tratava-se de uma celebração que, aos olhos dos bispos, era movida pela graça divina, uma solenidade em que se evocava, como nos ritos litúrgicos, a intervenção do Espírito Santo. Logo, nas prédicas iniciais dos sínodos, o tom sacralizado da fala do bispo era entoado a partir de um tópico comum, o de que o sínodo era celebrado “pela graça de Deus e da Igreja”. Escorando suas primeiras palavras nesse tópico, surge o bispo de Salamanca, D. Diego de Anaya y Maldonado (1392-1407), legando, no sínodo celebrado no ano de 1396, estas palavras: «Nós, Dom Diego, pela graça de Deus, [...] celebramos nosso sínodo, na dita igreja catedral, a serviço de Deus e da Santa Maria». Antes dessa assertiva, havia anunciado que «os santos padres ordenaram que pelos prelados fossem celebrados <sínodos> cada ano com os cabidos de suas catedrais, e fossem chamados os clérigos e os religiosos de seus bispados» para que se criassem novos estatutos e, assim, os bons pudessem viver em paz e sossegados e os maus fossem emendados e corrigidos<sup>16</sup>. Segundo esses bispos, a salvação de suas almas estava condicionada aos sucessos de suas campanhas pastorais e, conseqüentemente, aos eventuais resultados proporcionados por aqueles sínodos que celebravam durante a vida<sup>17</sup>.

Na mesma diocese de Salamanca, pouco mais de cinquenta anos depois do sínodo de D. Diego de Anaya y Maldonado, o bispo da prelazia, D. Gonzalo de Vivero (1447-1482), celebra um novo encontro do clero local. Promulgadas no ano de 1451, as constituições lidas nesse sínodo retomam um dos tópicos do discurso eclesiástico daqueles tempos, ao afirmarem que os prelados dividiriam com os santos padres [da Igreja] o poder de absolver, corrigir e castigar os erros e os pecados de seus súditos. A partir dessa missão, cujo objetivo primeiro era o aperfeiçoamento das práticas dos fiéis e a prescrição de castigos aos clérigos desobedientes, D. Gonzalo de Vivero procurava atingir três resultados finais: proteger as almas de seus súditos, louvar a Deus e exaltar a fé apostólica<sup>18</sup>. Na visão desse bispo, a celebração de um sínodo em que o clero era admoestado e as crenças católicas enaltecidas nada mais seria do que a manifestação da glória do Senhor e um ato solene de louvor. Essas definições concernentes ao poder da fala do bispo, além de continuarem

16 «Por lo qual los santos padres ordenaron que por los perlados fuesen celebrados <synodos> de cada anno con los cabildos de sus yglesias catedrales, e fuesen llamados a ello los clerigos e los religiosos de sus obispados, porque lo que por ellos non es corregido em espeçial, sea corregido por ordenaciones e estatutos en la manera que los derechos mandan e entendieren que cunple, por que los buenos bivan en paz e asosiego, e los malos sean hemendados e corregidos. Por ende, nos don Diego, por la gracia de Dios obispo de Salamanca, los padres santos, con consejo e consentimiento del dean e cabildo de la nuestra yglesia catedral, seyendo llamados los abades benditos de nuestro obispado, e los religiosos e el abat e clerezia de la dicha çibdat, e los açiprestes e vicarios perpetuos e clerigos de todo el obispado, celebramos nuestro synodo en la dita yglesia catedral, a serviço de Dios e de santa Maria». Sínodo de Diego de Anaya y Maldonado, 30 Enero 1396, Proemio. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, dir. – *Synodicon Hispanum*. Vol. IV: *Ciudad Rodrigo, Salamanca y Zamora*. Madrid: BAC, 1987, p. 25.

17 Esse era um dos lugares comuns das prédicas iniciais dos sínodos. Os bispos assumiam que a sua salvação dependia da qualidade de seus esforços como pastores.

18 Sínodo de Gonzalo de Vivero, 2 Mayo 1451. In GARCÍA Y GARCÍA, dir. – *Synodicon hispanum*, vol. IV, p. 304.

a ser escritas na segunda metade do século XV<sup>19</sup>, ganharam novas atualizações, realizadas por prelados como o célebre arcebispo de Toledo, D. Francisco Jiménez de Cisneros (1495-1517). No sínodo de 1497, este assegurou:

«acordamos fazer e celebrar sínodo neste presente ano, na nossa cidade de Alcalá [de Henares] com os ditos deão, cabido e clerezia do dito nosso arcebispado, [...] invocada a graça do Espírito Santo, fizemos, ordenamos e mandamos publicar e foram publicadas as constituições seguintes»<sup>20</sup>.

Com essas palavras, o prelado encerra o prólogo das famosas “constituições de reforma”, em que foram apregoadas diferentes diretrizes para a formação dos clérigos, dos leigos adultos e dos mais novos – diretrizes essas escritas e divulgadas, segundo a opinião do prelado, sob inspiração da graça divina<sup>21</sup>.

Essas prédicas iniciais, publicadas no corpo das constituições sinodais, serviam sobretudo para dizer ao clero que ali constava não o desejo individual de um homem da Igreja, mas a vontade do Criador, a palavra dada por Ele por meio dessa inspiração divina. Como um dos principais representantes da reforma cristã empreendida na Coroa de Castela durante o governo dos Reis Católicos, e em busca dessa reestruturação do clero castelhano-leonês, D. Francisco Jiménez de Cisneros ecoou a máxima, tão bem definida por D. Gonzalo de Vivero, de que o sínodo era uma celebração movida pela graça. As constituições sinodais eram validadas e entravam nos jogos de poder da Igreja como peças edificantes a partir de uma celebração em que o bispo se apresentava como juiz dos fatos e mediador entre a graça e o homem. Esse papel desempenhado pelo bispo como elo do clero com Deus garantia que as suas palavras deveriam ser preservadas e também reproduzidas pelos clérigos em sermões. As constituições alimentavam a crença de que as palavras do bispo continuariam vivas e vibrantes mesmo depois do encerramento do sínodo, razão pela qual os clérigos tinham de ler e reler um texto produzido justamente com a finalidade de ser declamado diante de um grande auditório. Além disso, as constituições possuíam uma característica também comum aos sermões: a denúncia do pecado e a revelação da verdade. A palavra de um bispo deveria sensibilizar e, ao mesmo tempo, emendar o público do sínodo, clérigos e religiosos, na medida em que lhes apontava certos pecados corriqueiros, vistos, em muitos casos, por ele ou por um de seus representantes durante a visitação da diocese.

19 Para uma visão geral das constituições sinodais produzidas em Castela, consultar a obra de José Sánchez-Herrero (1990).

20 «acordamos fazer e celebrar synodo este presente año en la nuestra villa de Alcalá con los dichos dean e cabildo e clerezia del dicho nuestro arçobispado, de cuyas aprobaçion e consentimento, ynvocada la gracia del Espiritu Sancto, fizemos e ordenamos e mandamos publicar e fueron publicadas las constituciones siguientes». Sínodo de Francisco Jiménez de Cisneros, Alcalá de Henares, 4 noviembre 1497, Prologo. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, dir. – *Synodicon hispanum*. Vol. X: *Cuenca y Toledo*. Madrid: BAC, 2011, p. 678.

21 Sobre a reforma empreendida no tempo de Cisneros, consultar o clássico estudo de AZCONA, Tarcicio – *La elección y reforma del episcopado español en tiempo de los Reyes Católicos*. Madrid: CSIC, 1960.

As recolhas de sermões visavam à perpetuação de um roteiro de lições, porém, ao contrário das constituições, eram compostas para serem reproduzidas, isto é, para ajudar pregadores inexperientes a preparar seus sermões ou para serem lidas por públicos indistintos, inclusive por leigos letrados. Um desses compêndios é o manuscrito 1854 da Biblioteca Universitária de Salamanca, que contém 45 sermões *de tempore* e outros 13 diversos. Esse conjunto expõe a preocupação dos bispos castelhanos de reformar os costumes e a própria profissão da fé, legando ferramentas para uso tanto nos ciclos litúrgicos quanto em prédicas mais precisas e ordenadas sobre o Pai-Nosso, a morte e as ações santas. Ao reunir temas diversos, essa recolha proporcionava aos pregadores, portanto, condições para que pudessem atuar em diferentes âmbitos da vida de homens e mulheres do período, em praças e casamentos, com base em uma lição retirada da Escritura e possível de inspirar a profissão de fé do auditório<sup>22</sup>. Mesmo que fossem compostos por públicos diferentes<sup>23</sup>, uma das semelhanças esperadas entre a pregação e o sínodo era, desse modo, cativar o público presente e, sobretudo, fazer da palavra pronunciada fonte de doutrina, emenda e ensinamento.

Concebido para servir de fonte para a escrita de prédicas cujo público seria composto por pessoas mais simples, sobretudo leigos, o primeiro sermão dessa série, intitulado *Sermón de la primera domingo del Aviento*, abre vários caminhos para a reforma das práticas dos fiéis encomendada por arcebispos e bispos em seus sínodos. Com base em Rom 13: 12, o texto parte desta palavra do apóstolo São Paulo: «Irmãos, lancemos de nós as obras das trevas e vistamo-nos armas de luz e andemos honestamente [...]»<sup>24</sup>. Dessas palavras, a recolha articula três lições para serem celebradas e honradas: deixar o pecado; tomar as virtudes; demonstrar bons exemplos a partir do convívio com outras pessoas. Por esse caminho, o fiel sairia do estado das trevas e vestiria armas de luz<sup>25</sup>. A terceira e última dessas lições merece aqui um pouco mais de atenção por ensinar como o fiel deveria “andar”, isto é, se comportar no cotidiano, e, especialmente, os instrumentos que o ajudariam a vestir tais armas de luz recomendadas pelo apóstolo. A pregação contrapõe luz/treva,

22 Essas práticas de pregação ajudaram a forjar o *métier* do pregador. BÉRIOU, Nicole – Un mode singulier d'éducation. La prédication aux derniers siècles du Moyen Age. In FLAHAULT, François; SCHAEFFER, Jean-Marie – *Communications. L'idéal éducatif*. Paris: Éditions du Seuil, 72, 2002, p. 114.

23 Enquanto os sínodos miravam os membros do clero, as pregações possuíam como alvo o cristão em geral.

24 «*Hermanos, echemos de nós las obras de las tiniebras e vistámonos armas de luz et andemos honestamente así como de día*». SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Manuel Ambrosio – *Un sermonario castellano medieval: el Ms. 1854 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca, (estudio y edición)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1999, v. 1, p. 229.

25 «*En las cuales palabras el apóstol Sant Pablo nos demuestra tres cosas por que onradamente celebremos e onremos este avenimiento de nuestro Señor Jhesuschristo: lo primero que nos el apóstol demuestra en estas palabras es que dexemos e desanparemos los pecados; lo segundo, que tomemos e nos allegemos a virtudes; lo tercero, que demos e demostremos de nós buen exenplo por buena conversación. E por ende dize que echemos de nós las obras de las tiniebras e que nos vistamos armas de luz e que andemos honestamente así como de día*». SÁNCHEZ SÁNCHEZ – *Un sermonario castellano medieval*, volume 1, p. 229.



da mesma forma que associa a claridade do dia à revelação divina e à honestidade, orientando homens e mulheres a desejarem estar ao lado do Senhor e, assim, ter o brilho celeste como espécie de guia para a salvação<sup>26</sup>. Além de mostrarem vontade para andar nessa trilha, o fiel teria de vestir as mencionadas “armas de luz” que metaforicamente significariam a busca da remissão por meio da confissão das faltas<sup>27</sup>. A luz seria, desse modo, o perdão alcançado mediante esforço e vontade para sair das trevas e limpar a consciência. Trazendo a palavra de São Paulo e dissertando sobre a honestidade da vivência cristã, essa recolha contribui para a edificação de um discurso direto idealizado para promover a conversão interior, o arrependimento. Esse sermão é apenas uma das prédicas em castelhano que procuraram amparar a ação dos pregadores e estimulá-los a cumprir uma das determinações dos bispos aos clérigos ordenados: fazê-los veiculadores de mensagens semelhantes a essa acerca dos jogos de redenção pelos diferentes cantos de suas dioceses.

Em linhas gerais, sínodos e pregações complementavam-se e ajudavam a fixar um vocabulário comum. As palavras celebradas por um bispo somadas ao discurso de um pregador como Vicente Ferrer formam uma teia de denúncias e revelações em que os adjetivos “honesto” e “desonesto” reforçam uma lição, qualificando ações dos fiéis do auditório. Como veremos, as prédicas de pregadores e bispos tinham de servir como espelho para reluzir os defeitos e pecados da plateia, isto é, como um momento em que os cristãos tomariam consciência de seus limites, se autoaperfeiçoariam e aprenderiam a doutrina católica ao interiorizar termos e vocábulos desenhados pela força da graça do Espírito Santo. Uma das semelhanças, para não dizer a principal, entre constituições e sermões, era conseguir fazer com que um público mudasse seus costumes a partir de uma admoestação ou um ensinamento que apelava, muitas vezes, para a adjetivação das práticas pecadoras cometidas por muitos.

Visando explorar outros ângulos desse cruzamento de propostas elencadas em pregações e sínodos, vejamos em que medida constituições sinodais e sermões eram vistos como suporte de uma revelação do Espírito Santo, em que as ações de leigos e clérigos ganhavam certos qualificativos. A análise dos usos por bispos e pregadores da palavra “desonesto” oferece um caminho para penetrarmos nesse campo de revelações, admoestações e punições que se expandia a partir do impulso determinado por Gonzalo de Alba e, sobretudo, por São Vicente Ferrer no limiar do século XV.

26 Sobre a associação entre Deus e luz, ver: VINCENT, Catherine – *Fiat Lux. Lumière et luminaires dans la vie religieuse du XIII<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*. Paris: Cerf, 2004, p. 266-273.

27 «E esto es lo que nos dize aquí: que andemos honestamientre así como de día e que echemos de nós las obras de las tinieblas, e que nos vistamos armas de luz. Señores, grant luz, grant claridat nos es venida, si lo bien entendierdes, con tan santo e tan alto negocio como este que comunalmientre es perdón e remisón de todos vuestros pecados. Pues fázemos menester que echedes de vós las obras de las tiniebras, que son los pecados en que caistes e pecastes fasta el día de ou, confesándovos e arrepentiéndovos dellas, e que la luz, em que no ay oscuridat ninguna». SÁNCHEZ SÁNCHEZ – *Un sermonario castellano medieval*, v. 1, p. 237.

## “Honesto”, “desonesto” e “feio”: um jogo de palavras moralizadoras

No sermão intitulado *Del camino de Paraíso*, apregoado provavelmente entre os dias 23 e 29 de agosto de 1411, quando se encontrava em viagem para Ayllón, Vicente Ferrer fez uso de certos adjetivos para condenar as ações dos pecadores. No começo do sermão, informou que havia sete jornadas para se chegar ao Paraíso, sendo a quinta delas a *diligentia agendorum*<sup>28</sup>, ou seja, o compromisso de que toda a obra consagrada a Deus fosse praticada com diligência<sup>29</sup>. Se os eclesiásticos teriam de ser diligentes para “dizer as horas com devoção” e no tempo certo, cuidando igualmente da celebração das missas e da limpeza das igrejas, por seu lado, os leigos deveriam importar-se com a qualidade de sua confissão e o conteúdo de cada frase pronunciada diante do cura de almas, durante o exercício de purificação espiritual<sup>30</sup>. Profere o pregador valenciano: «vós, homens e mulheres, que vos confessardes bem e diligentemente, imaginando primeiramente bem vossos pecados; e confessá-los todos com dor no coração, não encobrimdo nenhum, por [mais] feio e desonesto que seja»<sup>31</sup>. Nesse trecho, os termos “feio” e “desonesto” servem para classificar as ações tidas como as mais repreensíveis que um fiel poderia praticar, os piores pecados cometidos em vida.

Os sermões de Vicente Ferrer, como o que descreve as jornadas ao Paraíso, ou o discurso de um bispo pregador deveriam estimular o auditório para a prática de virtudes, fazendo uso de um rol de adjetivos que conferissem uma carga moralizadora na identificação de ações a serem evitadas por todo tipo de cristão. No mundo das prédicas públicas em que se encontravam esses porta-vozes da verdade que se acreditava presente na *Escritura*, os adjetivos desqualificativos desvelavam-se estratégicos para fundamentar uma crítica, exemplificar um caso ou facilitar o trabalho do orador na hora de desenhar uma determinada cena do cotidiano. Facultando as cores necessárias para que o pregador ou o bispo pintassem, em sua prédica, um quadro da sociedade que os rodeava, o adjetivo era central na composição do ensinamento prescrito para certo público. Tal uso dos adjetivos é relevado

28 «*la primera, credencia articularum; la segunda jornada es rreverencia divinorum; la tercera jornada es bonivolencia proximorum; la quarta jornada es regentia membrorum; la quinta jornada es diligentia agendorum; a sexta jornada es prudentia dicendorum; la séptima e postrimera jornada es custodia interiorum*» CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 408.

29 «*La quinta jornada para yr a paraíso digo que es diligencia agendorum. Esto es, que las cosas de Dios que avemos a fazer que las fagamos con diligencia*». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 412.

30 Acerca do paralelo confissão/pregação, consultar: BÉRIOU, Nicole – *La confession dans les écrits théologiques et pastoraux du XIIIe siècle: médication de l’âme ou démarche judiciaire? In L’aveu. Antiquité et Moyen Âge. Actes de la table ronde de Rome (28-30 mars 1984)*. Roma: Publications de l’École Française de Rome, 1986, p. 264-269.

31 «*E esso mismo vosotros, omnes e mugieres, que vos confesedes bien e diligentemente, ymaginando primeramente bien vuestros pecados; e confessarlos con dolor de corazón e todos, non encobriendo alguno por feo e desonesto que sea*». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 412.

no livro sinodal de D. Gonzalo de Alba de 1410, no qual explana: «Mandamos, outrossim, a todos os clérigos que a nosso sínodo vierem que, vindo ou tornando, se tenham mui honestamente, e venham com honestas vestiduras», e por onde passarem, «escolham honestas e boas pousadas [...], de maneira que a sua vida e a sua conversação sejam exemplos para outros e edificação dos bons»<sup>32</sup>. Reproduzindo uma lição cara às constituições sinodais, esse livro entregue aos clérigos de Salamanca emprega a palavra “honesto” para exaltar lugares onde estes homens tinham de passar e as roupas apropriadas a um membro do clero. É claro que são adjetivos e estruturas linguísticas também presentes em outros gêneros, como obras jurídicas, mas possuem nos sermões um uso edificante diferente, por comporem um discurso direto, dirigido aos ouvidos dos fiéis.

Os termos “desonesto” e “feio” também são empregados na diocese de Oviedo pelo bispo D. Iñigo Manrique de Lara (1444-1457), em um sínodo celebrado no ano de 1450. Em uma de suas constituições, reportou que «desonesta coisa parecem os prantos desordenados e muito mais feio o arranhar os rostos por dor» pela perda «daqueles que desta presente vida passaram»<sup>33</sup>. Entrando no tema das exéquias, que havia sido tratado em outros sínodos do período<sup>34</sup>, o prelado diocesano propõe convencer o clero local a admoestar homens e mulheres a abandonarem essas práticas e a acreditarem na morte como o momento da ressurreição e de encontro com Deus. O choro “feio” e “desonesto” dava a entender que a pessoa não confiava no poder divino ou não desejava demonstrar a sua esperança na ressurreição dos mortos. Nesse sínodo de 1450, D. Iñigo Manrique de Lara procura, portanto, condenar o pranto e o lamento nas exéquias, a partir de um jogo do emprego de adjetivos que evidenciavam a influência negativa dessas ações no bispado de Oviedo.

Não foram poucas as constituições, bem como sermões de mendicantes, que se serviram desse contraponto honesto/desonesto para sensibilizar o auditório e criar um discurso direto mais impactante, que conseguisse expor uma denúncia precisa. Visando reforçar as qualidades do clero, num sínodo de 1472, o bispo de Segóvia, D. Juan Arias Dávila (1461-1497) – membro da corte régia e grande promotor do saber em Castela –, disserta que os ministros da Igreja «devem ser

32 «mandamos, otrosi, a todos los clerigos que a nuestro signodo venieren que, em viniendo o en tornando, se ayen muy onestamente, e vengan con onestas vestiduras, e asi en el lugar donde el signodo se celebrar, como en los lugares por do pasaren, escogan posadas onestas e buenas, segund que a buenos clerigos pertenesçen, en manera que la su vida e la su conversacion sea ensienplo de los otros e edificacion de los buenos». Libro sinodal de 1410, cap. 1. In GARCÍA Y GARCÍA, dir. – *Synodicon hispanum*, vol. IV, 178-179.

33 «desonesta cosa paresçen los llantos desordenados e mucho mas feo el rascar de las caras por dolor de aquellos que desta present vida pasan, asy como aquellos que non han esperança de la resurreçion postrimera, commoquier que a las exequias de muchos defuntos se falla piadosas lagrimas aver seudo derramadas por algunos santos e onbres virtuosos». Sínodo de Iñigo Manrique de Lara, 1450, const. 4. In GARCÍA Y GARCÍA, Antonio, dir. – *Synodicon hispanum*, vol. III, p. 453.

34 Para mencionar outro exemplo dessa tópica da condenação do choro, ver as constituições do bispo de Cuenca, Juan Cabeza de Vaca (1396-1407), de 1399. GARCÍA Y GARCÍA – *Synodicon hispanum*. Vol. X. Cuenca y Toledo: BAC, 2011, p. 64.

honestos em sua vida, conversação e na forma de seu vestir». Logo depois, acrescenta: «somos certificados que muitos dos sacristães das igrejas, [...], trazem vestidas capas, capuzes e outros hábitos curtos e *desonestos*, o que é coisa inconveniente e *desonesta* e parece muito *feio* aos olhos»<sup>35</sup>. Nas constituições promulgadas nessa data, reconhecidas como o primeiro livro impresso em terras castelhano-leonesas, os dois adjetivos, “desonesto” e “feio”, pintam uma imagem negativa do clero, na expectativa de constranger tanto os presentes no sínodo, quanto futuros leitores do texto. Esse par de palavras foi igualmente empregado em outra altura do sínodo, em que o bispo comentou:

«Muitos dos sacerdotes e prestes de missa deste nosso bispado, no tempo que hão de dizer e celebrar a missa vestem as vestimentas, alvas e as outras vestiduras sagradas sobre roupas, saias e outros hábitos curtos, de maneira que no tempo de alçar o Santo Sacramento, de benzer e de fazer os outros hábitos sacramentais, ao alçar os braços, descobrem os pés e as pernas, o que parece muito *feio* e muito *desonesto*»<sup>36</sup>.

Essa mesma denúncia, de que parecia feio e desonesto clérigos deixarem seus pés e pernas a descoberto no altar, foi feita em um sínodo celebrado em Ávila pelo bispo Alonso de Fonseca (1469-1485), em 1481. Embora tal autoridade tenha repetido essa mesma crítica proferida por Juan Arias Dávila, começou a sua constituição de uma forma diferente em relação à do bispo de Segóvia e forneceu um pouco mais de informações a respeito do comportamento esperado de um clérigo naqueles tempos. Alonso de Fonseca aditou que «os ornamentos eclesiásticos foram dados aos sacerdotes para denotar neles limpeza e honestidade, e provocar a devoção naqueles presentes no divino ofício»<sup>37</sup>. A obra elabora uma oposição entre as práticas que demonstram “limpeza” e “honestidade” – referindo-se às que eram próprias do

35 «*Los ministros de la Iglesia, que continuamente han de trahar e continuar el ofiçio divinal e el serviçio del altar, donde se consagra el Cuerpo de nuestro Sennor, devem ser honestos em su vida e conversaçion e em la forma de su vestir, em espeçial al tienpo que son presentes e trahant el dicho ofiçio divinal. E porque somos çertificado que muchos de los sacristanes de las iglesias de la dicha çibdat e del dicho nuestro obispado, al tienpo que ofiçian las misas e las Bisperas e los otros divinales ofiçios en sus iglesias e trahant el serviçio del altar, traen vestidas capas e capuzes e otros abitos cortos e desonestos, lo qual es cosa ynconveniente e desonesta e parece muy feo en los ojos e acatamientos de los pueblos*». Sínodo de Juan Arias Dávila, Aguilafuente, 1-10 Junio 1472, const. 10. In GARCÍA Y GARCÍA, dir. – *Synodicon hispanum*. Vol. VI: Avila y Segovia, BAC, 1993, p. 449-450.

36 «*Muchos de los saçerdores e prestes de missa deste nuestro obispado, al tienpo que han de dezir e çelebrar la missa visten las vestimentas e alvas e las otras vestiduras sagradas sobre ropas e sayos e otros abitos cortos, de manera que al tienpo del alçar el santo Sacramento e del signar e del fazer de los otros abtos sacramentales, al alçar de los braços descubren los pies e las piernas, lo qual parece muy feo e muy desonesto*». (grifos nossos). Sínodo de Juan Arias Dávila, Aguilafuente, 1-10 Junio 1472, const. 9. In GARCÍA Y GARCÍA – *Synodicon hispanum*, vol. VI, p. 449.

37 «*Porque los ornamentos ecclesiasticos fueron dados a los sacerdotes para denotar en ellos limpieza y honestidad y provocar la devocion de aquellos que son presentes al divinal ofiçio, y muchas vezes acaesce que, por no ser puestos devidamente, provocan a derision y menosprecio. Mayormente que avemos sabido y por experiencia visto que muchos de los sacerdotes y prestes de missa deste nuestro obispado, al tienpo que han de dezir y celebrar missa, visten las vestimentas sagradas sobre ropas y sayos y otros haitos cortos, de manera que al tienpo del alçar el sancto Sacramento y al fazer de otros actos sacramentales, como alçan los braços, descubren las piernas, lo qual parece muy feo y desonesto*». Sínodo de Alonso de

clero e responsáveis por servir de bom exemplo e estimular a devoção nos fiéis – e as ações feias e desonestas, nomeadas assim por afastarem os cristãos das igrejas e transparecerem a falta de compromisso do sacerdote. Algumas décadas antes da celebração desse sínodo por Alonso de Fonseca, Vicente Ferrer já havia feito uma denúncia semelhante ao apregoar, num sermão intitulado *Sermón de las razones por que avemos de aver confiança en Nuestro Señor Dios*<sup>38</sup>, que os clérigos tinham de dar bons exemplos, nomeadamente não frequentando as tabernas e evitando dizer palavras desonestas e feias<sup>39</sup>.

A palavra “feio” pode ser lida, desse modo, como antônima de “limpo” no sentido cristão de puro. Como destaca o *Sermón de los VII pecados mortais* – contido no códice 40 da Real Colegiata de San Isidoro de León – não existe nenhum homem, depois da queda de Adão do Paraíso, que pode se dizer limpo diante de Deus. A recolha ainda assevera que, como o fiel «não é limpo, não deve exaltar seu coração em soberba»<sup>40</sup>. O sermão, ao aconselhar os fiéis a evitar incorrer no pecado da soberba, enfatiza a necessidade de todos reconhecerem-se como pecadores e tomarem conhecimento dos erros que sujavam seus corações.

Tendo em vista que sermões e constituições aqui explorados visavam a uma denúncia, as palavras desqualificadoras, como “feio”, tornaram-se mais centrais que seus opostos, como “bom” ou “belo”. O adjetivo “belo” é muito pouco mencionado por Vicente Ferrer e serve especialmente para exaltar a pureza de Cristo. No sermão 16 da recolha editada por Pedro Manuel Cátedra García (*RAE 294*), intitulado *Sermón de cómo omne deve amar a Dios sobre todas las cosas*, o mendicante afirma que uma das razões pelas quais alguma coisa é amada neste mundo é a sua beleza; isto é, a sua formosura atraía os olhares<sup>41</sup>. Dito de outro modo, ele defende que o coração das pessoas está inclinado a amar tudo o que for formoso e belo. Por isso, se os homens são atraídos por outra criatura em razão de sua formosura e da beleza de seu corpo, a conclusão a que chega é que todos deveriam amar a Cristo, por este ter sido bonito na Terra e irradiar, no Céu, junto aos anjos, a beleza do poder divino<sup>42</sup>.

Fonseca, 10-14 sept. 1481. Segunda edición (1556-57) con adiciones de Diego Alava y Esquivel, Parte segunda, const. 4. GARCÍA Y GARCÍA – *Synodicon hispanum*, vol. VI, p. 90.

38 Pedro Cátedra García, o editor do documento, admite tratar-se de um sermão provavelmente apregoadado em Segóvia.

39 «el clérigo non deve traer espada nin broquel, nin andar en vandos, nin jugar dados, ca maldicho es el clérigo que solamente en la mano los toma; nin deve beber ne taverna, nin deve dezir por su boca palabras deshonestas nin feas; e vestir ropas ordenadas». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 340.

40 «E así Adán cayó en pecado de soberbia, ca dizen los doctores de la santa Iglesia que ningúnd omne terrenal non es limpio ante Dios. Pues non es limpio, non deve enxalçar su corazón en soberbia». CÁTEDRA GARCÍA, Pedro M. – *Los sermones en romance del manuscrito 40 (Siglo XV) de la Real Colegiata de San Isidoro de León*. Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas, 2002, p. 116.

41 “La segunda razón por que alguna cosa es amada en este mundo digo que es por ser bella.” CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 442.

42 “Agora veamos si nuestro Señor Ihsú Christo era fermoso. E yo digo que non solamente Ihsú Christo era fermoso e bello en quanto Dios, mas aun en quanto omen.” CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 443.

A palavra “belo” é, portanto, empregada para caracterizar uma ação a ser repetida, a prática de amar a Deus, e cujo uso se torna oposto ao emprego comumente realizado, em sermões, do vocábulo “feio”. Os termos “feio” e “desonesto” são adjetivos utilizados, sobretudo, para caracterizar o plano do cotidiano, traços comezinhos da vida daqueles denunciados como pecadores.

O recurso retórico à palavra “feia”, para enfatizar uma ação denunciada na prédica, é evidente no sermão intitulado *Sermón del lunes de las ochavas de Çinquiesma*. Presente na recolha de sermões do manuscrito 1854 da Biblioteca Universitária de Salamanca, em que é feito um paralelo entre um corpo e uma alma taxados de feios, tal discurso sentencia que assim como a mulher feia aborrece o marido, o Nosso Senhor Jesus Cristo reprova a alma feia «pela culpa do pecado e desnuda e despojada de dons e de virtudes»<sup>43</sup>. Nesse jogo de similitudes, Cristo abandonaria a alma cuja feiura revelava a inexistência de virtudes. O confronto de sermões e constituições sinodais sugere que o uso metafórico do adjetivo “feio” por parte dos bispos e pregadores tinha o objetivo de apresentar aos ouvintes o estado da alma de um fiel, leigo ou clérigo, não interessado na prática das virtudes cristãs, como a da caridade.

O público de um sermão deveria aprender que a ação qualificada pelo adjetivo “feio” teria de ser abominada e jamais praticada. Um religioso a fazer uso desse termo numa prédica foi o referido Juan López que, na obra *Evangelios moralizados*, afirmaria que «os fariseus disseram três palavras muito feias de Jesus. A primeira é: *‘Non est hic homo a Deo’* (‘Não é este homem de Deus’ – convém a saber, enviado de Deus). A segunda: *‘Hic homo peccador est’* (‘Este homem é pecador’). A terceira: *‘Hunc nescimus unde sit’* (‘Não sabemos de onde é este’). No seu entendimento, os fariseus, por meio dessas palavras definidas como feias, diziam que Jesus Cristo não era nem Filho de Deus, nem o Salvador, nem era de Israel, como eles<sup>44</sup>. A interpretação de Juan López do evangelho de Mateus permite deduzir que o adjetivo sublinhado é empregado com a finalidade de denunciar uma heresia e alertar os leitores da obra sobre os perigos da negação da natureza divina de Cristo. Dito de outro modo, a partir da adjetivação das críticas realizadas pelos fariseus a Cristo, a narrativa procura persuadir o seu interlocutor a nunca confiar em alguém que blasfema contra a Trindade.

43 “Onde bien assí como la muger fea e torpe e desapostada aborréçela e échala el marido, bien assí, verdaderamente, el nuestro Señor Jhesuchristo desecha e aborreçe el alma fea e desapostada por la culpa del peccado e desnuda e despojada de dones e de virtudes”. SÁNCHEZ SÁNCHEZ – *Un sermonario castellano medieval*, v. 1, p. 397.

44 «Dixerón los phariseos tres palabras muy feas de Jhesú. La primera es: ‘Non est hic homo a Deo’ (‘No es éste hombre de Dios’ —conviene a saber, enviado de Dios—). La segunda: ‘Hic homo peccador est’ (‘Este hombre peccador es’). La tercera: ‘Hunc nescimus unde sit’ (‘No sabemos de dónde es aquéste’). Nota la estoria. Por estas tres palabras podemos concluyr que Jhesú, segund la mala fe de aquesto[s] e mentirosa, que non era Fijo de Dios, quanto a la primera, ni era el justo salvador Mesías, lo otro que no era de los de Israel». JIMÉNEZ MORENO, Arturo – *Evangelios moralizados de Juan López de Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2004, p. 221.

As palavras “feio” e “desonesto” serviam para fixar uma imagem de ação nefasta, repulsiva e avessa à ordem estabelecida por Deus, ou seja, de uma ação ausente de qualquer aspecto positivo e meritório. Enquanto o vocábulo “feio” garantia a desqualificação de uma determinada prática, ao estigmatizá-la e imprimir-lhe um ar de imperfeição<sup>45</sup>, o termo “desonesto” acentuava ainda mais o caráter vicioso da intenção que levava o fiel a colocá-la em prática. Como era amplamente partilhado na época o pressuposto de que a honestidade de uma pessoa se expressava nos gestos e falas, o adjetivo “desonesto” orientava o bispo ou pregador a reconhecer os que eram maculados, tais como o choro excessivo nas exéquias ou o movimento de um sacerdote com as pernas descobertas no altar. No sermão *Del camino de Paraíso*, mencionado acima, o momento em que Vicente Ferrer aborda a quarta jornada ao Paraíso, intitulada de *regentia membrorum*, diz respeito, justamente, ao controle dos membros do corpo. Antes de tudo, o pregador dominicano considera que, do mesmo modo como cada príncipe precisa “reger bem o seu reino, senhorio e sua gente”, os católicos deveriam zelar por seus reinos e terras, entendidos como os próprios corpos. Em seguida, assevera ser igualmente necessário reger cada parte do corpo, aconselhando, no caso dos olhos, os homens a não desejarem enxergar coisas más e desonestas, a fim de evitar a luxúria<sup>46</sup>. O religioso cita ainda o mesmo adjetivo para discorrer sobre as mãos, ensinando aos seus ouvintes que não se deveria fazer «desonestos toques, nem ferir alguém» movido pela ira<sup>47</sup>. Em ambos os casos, estava implícito que as “coisas desonestas” incluíam tudo o que pudesse despertar os impulsos da carne, enfraquecer a alma e deixar o corpo vulnerável às sensações pecaminosas.

No sermão seguinte, *Sermón de cómo se deve omne guardar del infierno*, Vicente Ferrer retoma o tema central da última prédica, avançando em sua reflexão sobre os males dos pecados e a salvação da alma. Adita ele: «Boa gente, ontem declarei o caminho direito para ir ao Paraíso por certas jornadas, e agora vos quero declarar o caminho do inferno»<sup>48</sup>. Nessa missão evangelizadora, o valenciano mapeia sete “*tunbos*”, isto é, quedas que poderiam levar ao Inferno<sup>49</sup>, contrapondo-os às sete

45 ECO, Umberto – *Arte y belleza en la estética medieval*. Trad. de Helena Lozano Miralles. 2ª ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1999, p. 112-118.

46 «Esse mismo rregir los ojos, non los dexando ver malas cosas nin desonestas, nin debes mirar cómo se ayuntan las animalias a fazer luxuria. — ¡O buena gente, cuántas personas pierden castidad e toman malos pensamientos por mirar! E por tanto, escusados de mirar el mal e mirad el bien e las obras de Dios». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 411.

47 «Esse mismo, rregir las manos, non faziendo, con ellas desonestos tocamientos, nin ferir a alguno con yra». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 411.

48 «Buena gente, ayer declaré el camino derecho para yr a paraíso por ciertas jornadas, e agora vos quiero declarar el camino del infierno; esto por rrazón que seades avysados». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 415.

49 «el primero tunbo es in male cogitando, mal pensando; el segundo tunbo es factue loquendo, mal hablando; el tercero tunbo es negligenter operando, negligentemente obrando; el quarto tunbo es carnaliter conversando, usando carnalmente; el quinto tunbo es proximum injuriando, enjuriando al próximo; el sexto tunbo es divina contenpnendo, menospreçando las cosas divinales; el séptimo es in fide dubitando, dubdando en la fe». CÁTEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 416.

jornadas ao Paraíso – tema do sermão anterior. Na altura em que disserta sobre o quarto “*tunbo*”, o “*carnaliter conversando*” (traduzido como “*usando carnalmente*”), Ferrer informa os seus ouvintes de que “as pessoas frias dos prazeres espirituais tomam prazeres temporais e carnaís; e, por isso, comem, bebem, dormem e fazem luxúria”, acrescentando que havia “muitos maus clérigos concubinários, desonestos e indevotos”<sup>50</sup>. Nessas palavras, a denúncia concernente aos clérigos luxuriosos associa dois adjetivos, “desonesto” e “indevoto”, para esclarecer que estes eclesiásticos menosprezavam a castidade e, conseqüentemente, confessavam não crer na fé católica. Dado que o sermão deveria ser um texto simples, sem exageros, e pontuar o que realmente fosse importante para a exortação do público<sup>51</sup>, o emprego de adjetivos era uma ferramenta estruturante do raciocínio de um pregador, por possibilitar a construção de uma denúncia constrangedora, marcante e mais fácil de reter a atenção dos ouvintes. Vicente Ferrer, D. Iñigo de Lara, D. Juan Arias Dávila e outros homens da Igreja empregavam o termo “desonesto” com o claro propósito de que servisse de espécie de evidência ou prova de que a denúncia era grave e merecia a atenção dos ouvintes.

Considerando que o sermão e as constituições sinodais eram textos voltados para a admoestação e o ensino, adjetivos como “desonesto” e “feio” serviam para reforçar uma determinada crítica e encaminhar o ouvinte a pensar na imagem descrita pelo enunciador. Denunciar o que se reputava como “feio” e “desonesto” era um compromisso assumido tanto por bispos em seus sínodos, quanto por pregadores em sermões proferidos em praças, igrejas e outros lugares de concentração de fiéis. Ambos os gêneros, ao descortinarem o cotidiano de fiéis ou clérigos, pretendiam detalhar as suas críticas, distinguir as ações a serem evitadas ou aprendidas e também sensibilizar o público a partir de expressões que pudessem causar espanto, medo e remorso. O esperado era que o sentido literal ou alegórico de uma palavra despertasse emoções e estas, por sua vez, estimulassem a prática de ações votivas e virtuosas.

## Considerações finais – A palavra emitida, a verdade desnudada

As constituições sinodais e os sermões serviram de suporte a um discurso direto que partilhava objetivos comuns, apesar de cada um desses gêneros possuir estruturas diferentes e características próprias. Um discurso direto que singularizava a ação de bispos e pregadores como emissários de uma doutrina, regra ou

50 «*Mas las personas que son frías de los placeres espirituales toman placeres temporales e carnales, e por esto comen e beven e duermen e fazen luxuria. E en esta manera ay muchos malos clérigos concubinarios e deshonestos e indevotos*». CATEDRA GARCÍA – *Sermón, sociedad y literatura*, p. 420.

51 Cf. BÉRIOU, Nicole – *Religion et communication: un autre regard sur la prédication au Moyen Âge*. Genebra: Librairie Droz, 2018, p. 71.



advertência, inspiradas, segundo as próprias autoridades da Igreja, pela força da graça divina. Mas os bispos e pregadores garantiam que apenas a inspiração da graça não seria suficiente para os seus textos produzirem os efeitos aguardados, pois tinham de saber como escrever prédicas adequadas a cada momento, isto é, conselhos e penalizações apropriados para instigar o seu auditório. Nesse sentido, uma segunda semelhança entre as constituições e os sínodos percebe-se no fato de serem obras que dependiam do esforço de seus autores para colher os frutos esperados. Aos olhos de letrados do período, enquanto a manifestação da graça na missa não se encontrava ameaçada caso o sacerdote celebrante fosse pecador, era comum, porém, um argumento contrário em relação aos sínodos e pregações. Como destacado neste artigo, os próprios bispos e pregadores assumiam a responsabilidade pela eficácia de suas prédicas e reconheciam a obrigação de converter seu auditório e sensibilizá-lo para aprender os riscos decorrentes dos pecados mortais. Os sínodos e sermões não se resumiam, destarte, a um procedimento orientado por uma estrutura fixa, como no exemplo da consagração da hóstia ou da celebração de um batizado, mas a um processo mais dinâmico que exigia do bispo e pregador uma atenção especial na abordagem de temas relevantes para o seu público. Todavia, essa dinâmica não pode ser confundida com uma busca de originalidade na escolha das palavras apregoadas por bispos e confessores, já que tanto constituições sinodais quanto sermões repetiam lugares comuns próprios de seus gêneros, retomando lições de outros livros e compilando passagens de outras obras.

Além da manifestação da graça e das qualidades esperadas de seus autores, constituições e sermões guardavam uma terceira semelhança que os aproximava: o fato de terem de revelar algo para as pessoas presentes que elas menosprezavam ou desconheciam – nomeadamente alguma verdade sobre a vida que as comovesse e, simultaneamente, servisse como uma lição. Se ao confessor competia ouvir a confissão de um pecador e admoestá-lo para que não repetisse os mesmos erros do passado no futuro, cabia ao bispo e ao pregador ensinar os seus ouvintes a redefinir suas ações diárias. Na medida em que as recolhas de sermão seguiam esse caminho e aspiravam a que os fiéis da Coroa de Castela tomassem consciência de suas limitações e seus deslizos mais corriqueiros, suas páginas catalogavam tanto pecados cometidos quanto veredas a serem trilhadas para a correção dessas faltas. Os adjetivos revelavam-se instrumentos indispensáveis no esforço empreendido por bispos e pregadores na manutenção das crenças cristãs a partir de um exercício de apuração de certos aspectos da vida cotidiana.